

## Algo de Soturno no Paraíso de Dísias: estudo de caso frutivo de proposta artística facelumini interativamente customizada

Douglas de Paula<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente texto descreve e analisa o contato de um espectador com customização expositiva de uma das propostas de instalação artística do projeto de doutorado "Memória da Luz", do PPG-Arte-UnB, propostas constituídas por simulacros de luz configuráveis por mapeamento interativo de módulos visossonoros adaptáveis e programados via computador. O caso examinado é do espectador de codinome Dísias, caso para o qual verificaremos a disposição específica de instalação da proposta e, sobretudo, os desdobramentos reacionais desse vedor na criação particular de seu percurso frutivo, reconstruído a partir de tratativas metodológicas de seu registro declaratório co e pós-expositivo.

**Palavras-chave:** Luz. Fruição. Espectador. Customização.

A recepção do espectador sempre foi algo que observei nas exposições de que participei, chegando mesmo a aproveitar a conversação para proceder a sondagens informais. Nessas sondagens, comecei a observar que as menções espontâneas do público não se dirigiam às questões pretendidas pelos artistas. No caso de meus trabalhos, por exemplo, a colocação da interação como operação autodestrutiva, indutora e sugestiva da contemplação não era percebida pelo público. Quando muito, era considerada em razão de eventual leitura de texto explicativo anexo. No entanto, não faltavam comentários voluntariosos e reveladores de que, na verdade, os fruidores estavam longe de ter passado incólumes pelas obras. Contudo, a maior surpresa foi ver repetir-se, entre esses comentários, talvez o mais contundente de todos: "que belo". Contundente porque essa expressão tanto pode ser usada apenas para marcar o espaço da opinião de um olhar que se furtou ao aprofundamento quanto sugerir uma dificuldade de verbalizar algo profundamente experimentando pela sensibilidade. Partindo dessa observação, comecei a questionar como o espectador estaria transitando pelos estratos<sup>1</sup> de meus trabalhos e o que de fato estaria dizendo ao recorrer à expressão "belo" para defini-los. Isso deu origem a verificação correspondente a meu projeto de doutoramento ora intitulado "Memória da Luz: customizações e encontros com o espectador", sob a égide do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília - UnB - e orientação da Profa. Dra. Daniela Fávaro Garrossini. Essa verificação deu-se com a criação e aplicação da série artística "Fantomia", composta pela seriação de apresentações de simulacros da luz configuráveis por mapeamento interativo de módulos visossonoros adaptáveis, programados via computador, simulacros instalados de forma customizada, em espaços específicos, individualmente expostos para público pré-selecionado segundo apuração de tendências observacionais. Após essa fruição individual, cada voluntário foi submetido a sondagem ou entrevista sistematizada no sentido de colher dados reveladores da qualidade estética de sua experiência com o simulacro escolhido para ele. Os dados colhidos foram submetidos a tratativas metodológicas

1 - O imprevisto da identificação desse soturno no que Dísias comparou a um paraíso trata-se de resultado capaz de dar ideia da contribuição que a investigação qualitativa seriada pode fornecer à compreensão tanto da natureza da obra de arte em si quanto da relação entre os distintos processos de decodificação frutiva do público e o processo de codificação próprio ao fazer artístico, possibilitando não apenas a verificação de variáveis importantes do ponto de vista estético, como funcionamento da memória, imaginação e afeto, como também o agenciamento desses parâmetros em processos de reconhecimento, identificação-desidentificação, alteridade e as possibilidades de tipificação desses processos.



apropriadas, visando a uma análise ou abertura desses dados capaz de subsidiar sínteses sucessivas na direção da apuração sistemática de parâmetros importantes. Esses parâmetros foram buscados sobretudo no cruzamento da Estética Fenomenológica com a Psicologia Cognitiva e a Neurobiologia, respectiva e predominantemente representadas por John Dewey (2008), Robert J. Sternberg (2000) e Antônio Damásio (1996). Os instrumentos de coleta e análise de dados foram desenhados a partir de ferramentas próprias ao campo da pesquisa qualitativa em psicologia e sociologia, para o que forneceram os pilares autores como Fernando González Rey (2010), Uwe Flick (2009), Kathy Charmaz (2009) e Maria A. de Toledo Bruns (1992).

Um desses experimentos deu-se com a exposição e adaptação de uma das propostas de simulacro por mim elaboradas dentro da pesquisa de doutoramento e nela nomeada como proposta "1". Essa proposta foi instalada e exibida para o convidado de codinome Dísias, em um de meus próprios espaços laborais e ensaísticos: uma sala de estar relativamente espaçosa, com janela ampla e cortinada. No dia e horário do experimento, a sala era alcançada por ruídos da rua, que não eram muitos nem altos naquele momento. Ainda assim, o participante usou *headphones* capazes tanto de reduzir esses ruídos quanto de dar acesso à parte sonora da proposta. As luzes foram apagadas e as condições de luminosidade foram consideradas ideais. A instalação deu-se com o voluntário acomodado num sofá e o projetor multimídia posicionado em outro cômodo, sustentado por tripé com bandeja regulável, ligado a *notebook* por cabo VGA de comprimento adequado. O *notebook* foi amparado por cadeira e posicionado fora do campo de visão do participante, tendo ainda sua tela desativada. Nele, estavam instalados os programas correspondentes à proposta de simulacro aplicada. A projeção luminosa desse simulacro foi feita na cortina, como planejado para essa proposta. A fixação relativa à instalação foi devidamente tratada, ocultada por tapetes e almofadas, casualmente deixadas no chão. Dísias foi orientado a olhar o estímulo luminoso projetado na cortina pelo tempo que desejasse, o que fez por cerca de dois minutos. A seguir, apresento o resultado de análise do depoimento do participante sobre sua experiência com a proposta em questão.

Dísias contou que a primeira reação frente à visão da luz projetada foi de grande expectativa e até mesmo de ansiedade e desconforto, esperando que alguma coisa inesperada e forte fosse acontecer, mas sem saber o quê. Chegou a comparar esse instante inicial a chegar num lugar sem conhecer nada. Confessou tratar-se de um momento de suspense. Mostrou grande dificuldade em tentar definir o que essa alguma coisa poderia ser, mencionando: uma imagem, um losango, um trem, uma flor, uma pessoa, um mendigo, uma coisa, uma forma. Disse que a imagem projetada era diferente. Confessou ter perseguido a movimentação do estímulo luminoso projetado na cortina, disse ter feito uma busca nele. Segundo Dísias, após algum tempo e a intuição de certa constância no observado, a ansiedade cedeu espaço a uma paz de espírito muito grande. Nesse sentido, ressaltou a influência da parte sonora da proposta artística instalada: "a música me remeteu lá longe", disse, mas sem deixar de creditar o mesmo à parte visual, dizendo, em suas palavras, que "a imagem fez meditar". Ainda a frase "a expectativa baixou e ficou mais a meditação", proferida pelo entrevistado, pode indicar que nem a expectativa teria cessado completamente nem o estado meditativo teria surgido de repente, mas teriam antes coexistido em desnível complementar.

O paralelo traçado por Dísias com sua vivência da proposta foi, em suas palavras, o de "um lugar calmo", como um paraíso, fora da terra. Ao ser perguntado sobre se esse lugar seria mais uma sensação ou algo visualizável, respondeu que seria mais uma sensação. Colocou ainda tratar-se de um lugar, em seus dizeres, "com pessoas querendo o seu bem-estar e fazendo tudo para que isso aconteça", pessoas de outra dimensão, tentando ajudá-lo, pessoas que começaram a aparecer em sua cabeça, trazendo paz, conforto, calma, bem-estar e o fim do estado de ansiedade inicial. Ao ser convidado a definir essas pessoas, respondeu que eram pessoas na mente, mas invisíveis, pessoas sentidas, indescritíveis. Depois, acabou definindo também a luz do estímulo como ofer-

tante dessa paz.

À frente, o participante, surpreendentemente, confessou também solidão nesse paraíso que comparou à sua experiência com o estímulo, explicando que as tais mencionadas pessoas estariam apenas em sua mente, dentro e não diante de si.

Desconfiado de que o paraíso de Dísias pudesse ter sido algum tipo de narrativa visual imaginária emancipada do estímulo experimentado, perguntei-lhe sobre o que teria dominado sua atenção durante a experiência, se teria havido alguma espécie de sobreposição ou predomínio do mencionado paraíso à visão do estímulo luminoso projetado na cortina à sua frente, ao que respondeu deixando entender que sua atenção teria sido completamente dedicada à visão desse estímulo todo o tempo.

Na sequência, o entrevistado comparou o sentimento da vivência ao experimentado com o nascimento bem sucedido de sua primogênita, assinalando a semelhança entre essas experiências na relação entre ansiedade inicial e bem-estar final.

Ao ser instigado a falar do que viu, o participante respondeu dizendo: “nem sei como eu interpreto mais”, numa clara indicação de sua desconjuntura para interpretar o que viu. Deparado com essa dificuldade, voltou a falar, em suas palavras, do “lugar tranquilo, cheio de coisas boas, com uma nascente, um rio, uma árvore, algumas pessoas te levando para um caminho de paz, de tranquilidade”. Perguntado sobre se esses elementos descritos lhe vieram à mente como imagens, respondeu dizendo que não, enfaticamente, afirmando tratar-se de algo sentido, deixando entender que essa teria sido a forma encontrada para descrever seu sentimento, que, segundo ele, teve origem na imagem: “a imagem me deu a sensação de paz e, ao me dar a sensação de paz, eu me sinto, eu me coloco, em um lugar tranquilo [...] com pessoas te dando força, fazendo você ficar tranquilo”, “a imagem me joga para isso aí, para esse sentimento”, disse.

Tomando apenas a parte escrita da entrevista realizada com Dísias, restaria pouca ou nenhuma dúvida de que ele teria chegado a um clichê. Suas respostas aos indutores mencionam “paz interior”, “um lugar calmo com pessoas querendo seu bem estar”, “coisas agradáveis”, além de negar qualquer desconforto. Lembremos que, ao comparar a experiência a um lugar, Dísias afirmou que seria “não da terra”, “não daqui”, que, nas palavras dele, pessoas “te deram aquele bem estar e você ficou levitando”. Nesse sentido, Dísias teria mesmo chegado ao perfeito estereótipo do paraíso, do céu, tão propalado pelo senso comum da religião. Apenas com essas informações, seria fácil dizer que ele recorreu a um marcador somático<sup>2</sup>, a um saber como sentir-se diante de imagens e sons supostamente calmos da proposta “1”. No entanto, é preciso entender porque e como ele chegou a esse paraíso ou a essa paz que diz ter sentido e o que eles podem ser, de fato, no fluxo de sua experiência.

Primeiramente, é preciso dizer que essa paz não foi a primeira coisa a ser mencionada no primeiro contato com o entrevistador/pesquisador após a exposição ao estímulo e, depois, que o paraíso nem sequer foi mencionado nesse momento. Como visto, a primeira coisa que Dísias mencionou foi a extrema expectativa e ansiedade que dele se apossou a partir do início da vivência, em que ficou “esperando alguma coisa acontecer”, “alguma coisa aparecer”, em que “ficou procurando” por, em suas palavras, “um, um, um, um, uma forma”. Esta última expressão, em que Dísias demorou a dizer pelo que estava procurando, repetindo o artigo indefinido enquanto buscava a palavra, bem como o uso do pronome indefinido “alguma” e da palavra “coisa”, dão ideia do grau de imprecisão acerca do que ele parece ter esperado ver. Disse ter esperado por “um trem”<sup>3</sup>, algo que foi, como visto, de “losango” e “flor” a “um mendigo”. Malgrado Dísias tenha sido capaz de dar referências de sua imaginação, nenhuma delas emancipou-se, dominou a experiência ou sequer fixou-se. Parecem ter sido antes o sinal de uma intensa estimulação mnemoimaginativa, o que, aliás, se alinha com a dificuldade e o esforço apurados na interpretação do observado, o que teria dado ensejo ao participante para, como também já colocado, chamar a imagem de diferente.

Houve um momento, como vimos, em que Dísias se confessou perdido diante da imagem, chegando a dizer: “nem sei como interpreto mais”. Segundo ele, recordemos,



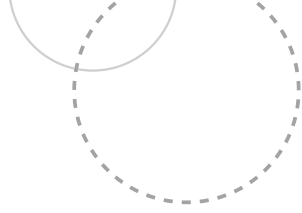
foi como “chegar num lugar sem conhecer nada”. Essa fartura de possibilidades, essa potência virtual, essa espera por alguma coisa tão indefinida, como é possível notar na quantidade de hipóteses levantada pelo participante para ela, parece ter sido forte o suficiente para firmar-se como, nas palavras do entrevistado, “um negócio [...] que podia me constranger”, “alguma coisa forte”, “um negócio [que] você não estava esperando”, quando, na verdade, esperar parece ter sido o que ele mais fez nesse momento. A ausência de todas as coisas que ele teria esperado parece ter tido força para configurar-se como algo presente o bastante para ser afirmado como ocorrência, já que algo só pode ser admitido como não esperado, forte ou constrangedor, a partir do momento em que se manifesta de alguma forma.

Então Dísias teria esperado, em suas palavras, por “uma coisa forte”, “um negócio, aí, que podia me constranger”, como vimos. Apesar de ter afirmado tratar-se de “um desconforto leve” ao reportar-se à parte inicial da experiência, traiu-se ao compará-la ao nascimento de sua primogênita vingada. Na entrevista prospectiva de seus hábitos de observação, realizada alguns dias antes da exposição, o participante afirmou que esse nascimento foi o momento mais bonito de sua vida, explicando que, em muito, isso deveu-se à perda de um bebê anterior, que fez com que esse nascimento fosse antecedido pelo medo de uma nova perda. Parece, assim, que Dísias teria minimizado o desconforto da experiência aos olhos do entrevistador, qualificando como “leve” esse desconforto e abstendo-se de mencioná-lo na parte escrita da entrevista. Talvez, a falta de abrupções do estímulo ou a ausência de viradas ou sustos na experiência tenha inspirado a recorrência ao termo “leve”, apesar do suspense confessado para o momento. O fato é que um suspense que se compara ao medo de perder um filho pode até ser leve no sentido de sutil, delicado, sinuoso, agudo, engenhoso, mas não pode deixar de ser, de modo algum, intenso. É preciso admitir que esse momento de suspense da experiência de Dísias é também o instante de um prenúncio subtrativo, de uma protoperda ou castração.

O participante deixou entender que, somente após esse momento de intensa expectativa, teria sido possível falar em paz e tranqüilidade, palavras que, a bem da verdade, pouco ou nada contribuem para a compreensão de sua experiência quando tomadas sozinhas. Desse modo, ainda que o lugar-paráiso do entrevistado não tenha participado de sua vivência enquanto virtual claro, definido, e pareça ter sido evocado apenas como recurso de expressão alvejante da compreensão do entrevistador, pode ser prolífico ao entendimento do vivido por Dísias e à contextualização da “paz” e “tranqüilidade” mencionadas dentro desse vivido.

Como visto, o participante afirmou ter sido pacificado após intuir alguma constância no estímulo. Dito assim, sua experiência parece dividida em duas partes que pouco se relacionam ou ligam-se apenas por contraste, mas um contraste sucessivo e não simultâneo, uma sequência de modos distintos de compreender o estímulo. Nesse sentido, a experiência sequer parece anadiômena, isto é, composta por estados distintos que se remetem reciprocamente, ao menos por algum tempo, como possivelmente gostariam Dewey (2008, p. 190) ou Didi-Huberman (1998, p. 33) para um aval estético. O próprio Dísias parece convencido do completo contraste entre esses momentos e da inalienabilidade dessa paz nessa segunda etapa de sua experiência. Afinal, conforme sua própria resposta ao questionário escrito, a experiência não teria nada a ver com “contratempos”, seria apenas “bem-estar”, algo fácil de falar sobre.

Contudo, uma vez mais, Dísias traiu-se em seu depoimento, ao descrever seu paraíso. No próprio questionário, Dísias explicou que seu paraíso era como um lugar em que “as pessoas [estavam] querendo o seu bem-estar e fazendo tudo para que isto [acontecesse]”, disse. Essas pessoas estariam, em suas palavras, “tentando me ajudar”. Elas o teriam visto, nos seus dizeres, “meio preocupado, meio ansioso” e vieram dar-lhe “força”, “injeção de ânimo”, “aquela paz, aquele conforto”, “aquela calma [...] aquele bem-estar”. Ora, fazer tudo para que o bem-estar aconteça implica, primeiramente, que não havia bem-estar e, depois, que teria havido poderosa cancela contra



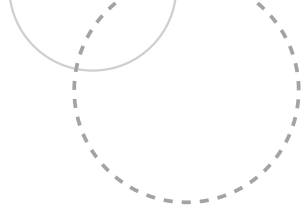
o mesmo, já que teria sido preciso fazer tudo para que ele acontecesse: foi necessário dar ânimo, dar força; foi preciso que as tais “pessoas” chegassem em seu socorro; o participante careceu ser ajudado, confortado, acalmado. Assim, há indicadores de que, apenas com muito esforço, Dísias teria atingido sua paz e bem-estar.

A verdade é que o desconforto e a subtração que Dísias tentou minorar assombram as entrelinhas de seu depoimento justamente à medida que fala de sua paz e conforto. No entanto, eles não parecem fazer sentido sem suas contrapartes indesejáveis, fazendo antes crer que estariam para elas, numa analogia, como um quociente para um dividendo, numa espécie de operação que colocaria as tais “pessoas” como divisor ou diluente desse dividendo incômodo, mas, muito provavelmente, deixando dele um resto, possivelmente ainda capaz de algum contra peso com o quociente-paz de Dísias, num balanceamento temporariamente sustentante da experiência e, muito provavelmente, coincidente com a confessada assimilação de constância no observado.

Alguém poderá cogitar que o sentimento de Dísias derivou da lembrança do nascimento de sua filha, mas ele foi bastante afirmativo ao dizer que não se lembrou disso no momento do contato com o estímulo: “não, não, não. Ali, eu não lembrei”, disse. De fato, Dísias não mencionou essa lembrança na primeira parte da entrevista. Tudo isso leva a concluir que essa evocação tratou-se de um recurso de comparação que surgiu apenas quando Dísias foi instado a isso, sendo muito útil à compreensão da natureza de seu sentimento relativamente ao testemunho do estímulo para ele exposto.

Outro poderá insistir em que o sentimento de Dísias veio da visão mental de seu paraíso. Afinal, ele chegou a dizer que esse lugar inspirado pela experiência seria um “lugar cheio de coisas boas, com uma nascente, um rio” etc. De fato, parece uma imagem um tanto clara demais e um clichê de paraíso, mas um clichê incapaz de originar a paz impura que é possível extrair de seu depoimento. Parece evidente que seu sentimento não poderia ter se derivado desse lugar-comum, que, como averiguado, não seria sequer uma imagem mental finalizada, mas apenas um recurso de explicação, uma versão de sentido<sup>4</sup>, uma nota do virtual envolvido na vivência, em que Dísias teria deixado escapar a complexidade do sentir emergido, revelando o jogo de potências presenciais nele. Em outras palavras, o “paraíso” e as “pessoas” teriam sido o modo como Dísias teria verbalizado essas sensipresenças<sup>5</sup>, que, no entanto, não teriam abolido uma confessada sensação de solidão.

A experiência de Dísias mostra, assim, alguns eixos com polaridades relacionadas: um primeiro composto por um sentimento de expectativa-ansiedade e pré-perda versus um sentimento de paz-conforto-bem-estar; um segundo, formado pelo contraste entre sentir-se só e sentir-se acompanhado; e, um último, expresso na contraposição de qualidades entre uma potência presencial constrangedora e potências presenciais solidárias. Apesar de Dísias assinalar a virada do momento de tensão para o instante pacificado, veremos que o mais provável é que o segundo momento e seus elementos agradáveis tenham resultado de alguma espécie de catarse ou sublimação impulsivada pelo primeiro momento e seu componente hostil. O depoimento de Dísias indica que, assim que se acomodou e iniciou sua fruição, entrou num estado de suspense, de expectativa ansiosa e crescente, entoada pela dificuldade de interpretar a imagem projetada na cortina, o que teria disparado uma intensa atividade ou esforço de busca associativa ou atributiva de sentido ao observado, mas sem que essa busca alcançasse mais que uma grande excitação mnemoimaginativa. Nesse processo, Dísias teria experimentado o sentimento prenunciativo de alguma subtração, tão forte quanto a possibilidade de perder um filho, em consonância com a emergência subjetiva de uma potência presencial constrangedora, muito provavelmente, portadora da possibilidade dessa psicocastração e originada justamente na falha da mencionada busca associativa, como presentificação de suspense, de falta. Por alguma forma de compensação, em coexistência e/ou combate com essa força animissubtrativa<sup>6</sup> ou pela conversão dela, Dísias teria forjado potências presenciais solidárias e reanimadoras, comparáveis a presenças humanas benfazejas de outra dimensão, em favor e/ou concomitância com a fundação



de um estado de paz, conforto, leveza e bem-estar comparável a um lugar distante, extrafísico e paradisíaco e ao nascimento bem-sucedido da primogênita, mas atribuído ao estímulo luminossônico da proposta artística.

No entanto, essas potências presenciais não teriam se deixado desacompanhar de um confessado sentimento de solidão, a partir do qual Dísias teria falado de si mesmo absolutamente sozinho em seu paraíso comparativo, posicionando apenas dentro de si próprio as tais presenças benignas. Aliando essa solidão ao modo como o participante refere essas potências subjetuais, é possível intuir algo mais sobre a ligação delas com a força protosubtrativa do início e essa mesma solidão. Para isso, vale reparar o modo como Dísias falou das tais pessoas que vieram lhe ajudar. Em seu paraíso, elas não vêm trazer a paz e deixá-lo, elas permanecem com ele, prestando empenhada e constante manutenção a essa paz, o que parece sinalizado no uso insistente do verbo no gerúndio ao reportar-se a elas, que eram, em suas palavras, "pessoas que estão querendo o seu bem estar e fazendo tudo para que isto aconteça", "e essas pessoas estão tentando me ajudar", são "pessoas [...] me dando aquela paz", "é essa sensação de alguém me dando essa paz", "algumas pessoas te levando para um caminho bom, um caminho de paz, um caminho de tranquilidade", disse. A constância desses seres parece um indicativo da vulnerabilidade de Dísias nesse instante, de que ele não teria atingido ou mantido esse estado pacificado sem eles, de que teria necessitado deles. Essa vulnerabilidade poderia explicar a solidão confessada a despeito dessas presenças e sugerir que a potência presencial insolidária do início, esse algo soturno no paraíso de Dísias, não teria cedido completamente, sustentando a solidão de uma distância entre ela e o participante e deixando o gancho para a permanência de uma necessidade de amparo e das forças amparadoras.

## Referências Bibliográficas

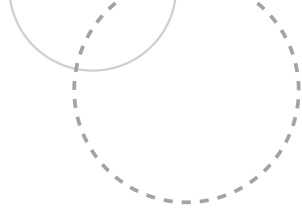
- ALVES, Vera Lúcia P. Psicoterapia Conjugal. In: In: Bruns, Maria A. de Toledo & Holanda, Adriano F. (Orgs.). *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. Campinas: Editora Alínea, 2003. p. 93-119.
- CHARMAZ, Kathy. *A construção da teoria fundamentada: uma guia prática para análise qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- DAMÁSIO Antônio R.. *O Erro de Descartes*. São Paulo Companhia das Letras, 1996.
- DEWEY, John. *El arte como experiencia*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2008.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Devant L'Image*. Paris: Minuit, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.
- FLICK, Uwe. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade*. São Paulo Cengage Learning, 2010
- INFOPÉDIA Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto Editora, c2003. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>>. Acesso em: 04 mai 2016.
- ROCHA, Cleomar. *Fenomenologia da Cibercepção. Visualidades*. V. 2, n. 2, jul/dez. 2004. Disponível em: <[http://www.fav.ufg.br/culturavisual/download.php?tipo=publicacoes\\_visualidades\\_edicoes&item=3&arquivo=arquivo1.pdf&nome=Visualidades-V.%202,%20n.%202](http://www.fav.ufg.br/culturavisual/download.php?tipo=publicacoes_visualidades_edicoes&item=3&arquivo=arquivo1.pdf&nome=Visualidades-V.%202,%20n.%202)>. Acesso em: 01 jun 2009.
- STERNBERG, Robert J. *Psicologia Cognitiva*. Trad. Maria Regina Borges Osório. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

1 - Doutorando em Arte pela Universidade de Brasília – UnB; professor de mídias contemporâneas do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. douglaspaula@fafcs.ufu.br.

Cleomar Rocha (2004) propõe o entendimento da obra de arte tecnológica a partir dos seguintes estratos: estrato sensível, composto pelas relações sonoras, visuais, olfativas, táteis e cinéticas;

# #15.ART

Encontro Internacional de Arte e Tecnologia  
International Meeting of Art and Technology



estrato pragmático, em que se dão os aspectos técnicos relacionados à intelecção ou reconhecimento de padrões tecnológicos; estrato sintático-compositivo, que consiste na observação de unidades de sentido, compreendidas enquanto relações estruturais da(s) linguagem(ns) utilizada(s); estrato semântico, que dá conta dos objetos representados, no exercício da relação sógnica; estrato da mensagem estética, ou das qualidades metafísicas, que vislumbra a contemplação, participação ou interação proporcionada pela arte. 2 - Termo usado por Antônio Damásio (1996, p. 214-232) para definir associações entre estímulos e estados do corpo, feitas com base na experiência de vida, a partir das quais poderíamos tomar decisões mais rápidas sem a conclusão de um cálculo racional.

3 - Em meu meio, essa palavra é comumente usada quando se está com dificuldades de definir alguma coisa. O dicionário a traz como palavra muito usada em Minas, Goiás e Tocantins para dizer “aquilo que não se quer ou não se sabe definir ou nomear” (MICHAELIS, 2016).

4 - Ao relatar o que parece ser sua própria instanciación da codificação qualitativa, Vera Lúcia P. Alves (2003, p. 98-114) traz o conceito de versão de sentido. A versão de sentido pode ser entendida como o depoimento acerca do significado de uma vivência no momento da mesma ou logo após, quando ainda se estaria impregnado dela, de modo que pode haver versão de sentido tanto do participante quanto do pesquisador.

5 - Segundo o dicionário, o prefixo “sensi” guarda a ideia de sentimento, sensação (INFOPÉDIA, 2003). Neste ponto, seu uso quer falar de sensações de presenças.

6 - Segundo o dicionário, o prefixo “animi” traz a ideia de espírito, alma (INFOPÉDIA, 2003).